

COMENTÁRIO BÍBLICO

4º Domingo da Quaresma – Ano B

14mar2021

2 Crônicas 36,14-23; Salmo 137,1-6; Efésios 2,4-10

S. João 3,14-21

¹⁴Assim como Moisés levantou a serpente de bronze no deserto, assim também é necessário que o Filho do Homem seja levantado ¹⁵para que todo aquele que nele crer tenha a vida eterna.

¹⁶Deus amou de tal modo o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crer não se perca, mas tenha a vida eterna. ¹⁷Não foi para condenar o mundo que Deus lhe enviou o seu Filho, mas sim para que o mundo fosse salvo por ele. ¹⁸Quem crê nele não é condenado, mas quem não crê já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho único de Deus.

¹⁹O motivo da condenação é este: a luz veio ao mundo, mas o mundo preferiu as trevas porque as suas obras eram más. ²⁰De facto, quem faz o mal detesta a luz e foge dela, para que as suas más obras não sejam descobertas; ²¹mas o que pratica a verdade, aproxima-se da luz e assim mostra publicamente que as suas obras foram feitas segundo a vontade de Deus.»

1. A compreensão de cada vez mais pessoas acerca de Deus tem vindo a sofrer alterações desde há muitas décadas. De tal forma – mostram as estatísticas – que são cada vez mais as vozes avalizadas que caracterizam o nosso tempo na Europa como *pós cristão*. Todos nós temos entre os que nos rodeiam, sejam familiares, amigos, ou vizinhos, pessoas que, não questionando a existência de Deus, têm dEle uma compreensão diferente da que nos foi deixada pela tradição da fé. Na realidade, o aumento substancial e especializado dos conhecimentos científicos e tecnológicos possibilitam às pessoas uma ‘sensação’ de saber e de manipulação da condição das suas existências, como se fossem ‘criadoras’ de si próprias. Por outro lado, à generalidade das pessoas, Deus permanece distante, inexplicável e incompreensível, como realidade metafísica (*Deus é espírito*) que está para além da nossa capacidade cognitiva. Então, como alguém concluiu, ao contrário do que acontecia no passado, Deus pode deixar de ser relevante para muita gente. Até podem aceitar a Sua existência, mas, para além disso, questionam-se: “o que é que Deus tem a ver com a minha vida? (Cláudio Teixeira, ‘7Margens’, jornal digital, 09mar2021).

Ora, é neste cenário espiritual que hoje somos interpelados pela declaração de Jesus a Nicodemos, «*um notável entre os judeus*», sobre o compromisso amoroso de Deus para com o mundo: «*Deus amou de tal modo o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crer não se perca, mas tenha a vida eterna. Não foi para condenar o mundo que Deus enviou o seu Filho, mas sim para que o mundo fosse salvo por ele.*» O encontro do fariseu Nicodemos com Jesus desenvolve-se num contexto cultural impregnado de Deus. Aqueles dois homens experimentam a ambiência divina como parte integrante das suas vidas: «*sabemos que vens da parte de Deus como um mestre, pois ninguém pode fazer os sinais que fazes, se Deus não estiver com ele*». E isto gera em Nicodemos uma compreensão implícita e natural da resposta de Jesus – Ele é mais do que um mestre, é o filho de Deus que está aí para expressar o amor divino ao

mundo, este lugar de alegria, de sofrimentos, de relacionamentos e bens temporais. O Deus de Jesus Cristo está connosco, sempre próximo e não condena o mundo, antes, ama tudo e todos para que se salvem. A Sua sombra estende-se sobre o mundo expelindo o bafo da bondade, da compaixão, da alegria, da paz, da compreensão, em suma, do amor que produz a libertação (salvação) das amarras que nos envolvem dando sentido à nossa vida, tanto para hoje como para amanhã.

2. «*A luz veio ao mundo, mas o mundo preferiu as trevas*». O evangelho de S. João regista muitas vezes este contraste entre *luz* e *trevas* como o modo de olhar a realidade. Ninguém ‘prefere’ as trevas se pode ter luz. O que se passa é que se pode viver nas trevas sem que se tenha consciência disso, pensando até que a luz está connosco. Basta que o nosso modo de estar assente no nosso endeusamento, no nosso “eu” acima de tudo. Aí encontramos as trevas – no modo depreciativo como olhamos os outros, na realização dos nossos interesses com total desprezo pelos dos outros, na perda de sensibilidade perante as necessidades dos outros – e, mesmo iluminados pelos holofotes de quem nos rodeia e quer aproveitar-se disso, a nossa vida só projeta obscuridade. Porque será que quando tudo nos corre bem, caímos na tentação de perder o sentido da gratidão a Deus? Quantas vezes, até, pomos em causa a importância da fé. Pois, então, para optarmos pela luz temos de aceitar e seguir Jesus (Luz do mundo), em quem Deus se humanizou, procurando humanizar-nos, isto é, sensibilizando-nos e olhando para os outros com a compaixão que Jesus tem por nós. Assim encontramos a luz e passamos a ser luzeiros para o mundo.

3. Hoje, na Igreja Lusitana, celebra-se o Domingo do Doente. São lembrados, de modo especial, os que estão doentes, quaisquer que sejam as suas enfermidades. Muitos, os que querem, são ungidos, elevam-se ao Senhor da vida orações por eles e pelos que deles cuidam, e apela-se ao contacto com eles, pelos meios possíveis, de modo que se sintam acompanhados na sua doença pelas suas comunidades de fé. É um ato de amor fraterno com um significado especial para quem vive a sua enfermidade em casa ou num hospital.

Precisamos todos de sentir que há um estado de alma da(o) doente que até podemos ‘ver’ no salmo 137, indicado para hoje: pedem-nos cânticos de alegria, «*mas como podíamos nós cantar um cântico do Senhor, estando numa terra estranha?*» Na verdade, quando ficamos doentes passamos a habitar ‘uma terra estranha’, um lugar que não nos diz respeito, um modo de estar que não nos é natural. Então, perdemos a vontade de cantar, fixamo-nos na visão cinzenta da vida, somos tomados pelo medo e diminuímo-nos na esperança. Porém, quantas vezes Jesus disse aos que curou “*A tua fé te salvou!*” Ou seja, a fé proporciona-nos o sentimento de ser incondicionalmente aceites por Deus, mesmo antes de termos feito o que quer que seja para o merecer, antes de termos provado nada, «*Porque pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus: não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho*» (Efésios 2, 8-9). Somos o que somos e Deus aceita-nos incondicionalmente com o Seu amor. Ou seja, a fé, como uma relação pessoal com Deus, inspira-nos a confiança de que somos apoiados por Ele, mesmo que exteriormente tudo esteja a cair ao nosso redor. Nessas alturas, percebemos que a Sua presença se manifesta numa visão mais ampla e profunda do que somos, e é-nos concedido habitar o amor, a paz, a vida e a vastidão. Então, ajudemos os nossos doentes a “puxar o cabo da fé” aceitando-se como são, porque Deus os aceita como tal, e rogando-Lhe o Seu amor para que possam crescer na forma e imagem que Deus fez de nós para Si.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana